

## O Conceito de História Do Cotidiano e sua abordagem nos Livros Didáticos do Ensino Fundamental II: uma análise inicial

Elisa Vermelho Morales<sup>1</sup>

Resumo: Esta comunicação tem o objetivo de traçar um mapeamento a respeito da questão da História do Cotidiano, buscando compreender como essa questão foi tratada por historiadores e outros teóricos das ciências sociais em diferentes períodos da História. Procuramos destacar as divergências e convergências entre os autores, bem como as lacunas que podemos observar no debate em questão, contudo, sem a pretensão de esgotá-lo.

Primeiramente apresentaremos um panorama de como as questões referentes ao cotidiano foram tratadas nos séculos XVIII e XIX, observando as mudanças trazidas pelo advento da historiografia francesa dos *Annales* a partir dos anos de 1930, mas, sobretudo a partir da década de 1950. Por fim, destacamos aquelas discussões que, no decorrer de nossas pesquisas, mostraram-se mais consistentes e frutíferas, feitas entre os anos 1970 e 1980 por Agnes Heller (1972), Michel de Certeau (1994) e sem esquecer a influência da *Alltagsgeschichte*, História do Cotidiano alemã, representada por Alf Lüdtke (1995).

Esse levantamento a respeito das abordagens relacionadas ao trabalho com o Cotidiano está sendo utilizado na análise de livros didáticos do Ensino Fundamental II, buscando-se compreender como essa discussão historiográfica tem aparecido nesses materiais utilizados por alunos e professores no ensino básico brasileiro, levando-se em consideração de que o trabalho com a História do Cotidiano poderia ser útil na construção do conhecimento histórico em sala de aula. Embora já possamos visualizar certa dificuldade na inserção de abordagens baseadas nas discussões historiográficas a respeito do cotidiano, salientamos que não podemos ainda concluir algo contundente a respeito, pois a análise encontra-se em processo. Na presente comunicação, utilizamos apenas o recorte de uma obra, o primeiro volume da coleção Projeto Araribá – Componente Curricular: História (2006), a título de exemplificação, escolhida por motivos os quais detalharemos ao longo do texto. Os livros estão sendo analisados por meio da Análise de Conteúdo. (Bardin, 1977)

A hipótese levantada pela professora da Universidade do Rio Grande do Sul, Silvia Petersen (PETERSEN in BRANDÃO; MESQUITA, 1995) que nos auxilia a compreender por que a História do Cotidiano parece ser tão pouco explorada (ou tão mal explorada) no ensino básico é a de que a cotidianidade é reduzida, na historiografia brasileira ao seu sentido mais comum: a vida de todo o dia, algo tão genérico que não possui qualquer utilidade analítica. Ou então, é tratada como “palco” onde algumas tramas se desenrolam. Assim, não se constituiria como uma categoria útil para desvendar a própria trama, não se desdobraria em uma rede de relações analíticas que pudessem auxiliar a ultrapassar a representação meramente fenomênica do cotidiano. (PETERSEN, in BRANDÃO; MESQUITA, 1995, pg. 52)

Não se tratando de um debate suficientemente consolidado no campo historiográfico, não seria possível incorporá-los aos materiais didáticos com segurança, já que estes se apropriariam de discussões já fortemente estabelecidas. Assim, esses materiais utilizados no Ensino Fundamental continuariam a tratar a esfera do cotidiano de forma descritiva, complementar e até mesmo anedótica.

Palavras-chave: Cotidianidade; Ensino de História; Historiografia; Livros didáticos

## História do Cotidiano: mapeando um debate

De acordo com Norberto Guarinello (2004), dentre os inúmeros estudos classificados como “História Cultural”, aqueles que se dedicam à vida privada e ao cotidiano, merecem destaque quando se pensa a respeito dos impasses da historiografia contemporânea. Embora alguns historiadores ainda discutam a respeito da pertinência do conceito de vida cotidiana para sociedades não-européias e a própria existência de um cotidiano que seja separado das demais instâncias da vida, o interesse pelo assunto é inegavelmente crescente e reflete um novo olhar sobre os indivíduos e sobre seu papel na História. Ainda assim, o autor afirma que os historiadores, de forma geral, têm se dedicado pouco a esse debate. (GUARINELLO, p. 22 e 23)

Mary Del Priore, ao apresentar um quadro geral a respeito da “História do Cotidiano e da Vida Privada” (DEL PRIORE in: CARDOSO; VAINFAS, 1997), coloca algumas questões que devem ser pensadas por aqueles que pretendem trabalhar com o Cotidiano da História: é possível historicizar a noção de vida cotidiana? Essa noção de cotidiano valeria para todas as épocas? De acordo com a autora, no sentido comum, cotidiano seria aquela esfera privada da vida humana onde ocorre a permanência e conservação de práticas culturais e rituais, sendo, portanto, reprodutiva, excluindo-se os campos político, econômico e social. Estes, em oposição, fariam parte justamente da esfera produtiva, a vida pública, o lugar onde a História acontece.

A dicotomização da vida humana em vida pública e vida privada, de acordo com Mary Del Priore, emergiram no século XVIII no seio da classe burguesa. Houve então, uma profunda transformação nas relações sociais, mudança sentida até mesmo na arquitetura das casas que passaram a ser construídas de maneira a separar o local de produção da vida material do local de reprodução da existência. Por esse motivo, alguns historiadores chegaram a cogitar a impossibilidade de se trabalhar com a noção de vida cotidiana em períodos anteriores ao século XVIII. Para teóricos como Henri Lefebvre, a noção de vida cotidiana só seria possível após o advento do capitalismo. (GUARINELLO, 2004, p. 22).

Durante a idade moderna e o início da contemporânea, o interesse pelo cotidiano e a vida privada ficaria restrito a um tipo de literatura que explorava o pitoresco, o anedótico de culturas consideradas exóticas, não europeias. Del Priore cita Le Goff, o qual relembra que tal problemática remonta a uma produção literária do século XVIII em torno dos chamados “usos e costumes” de povos que, devido ao afastamento no espaço e no tempo em relação aos europeus, tornava-os impossível de conhecer diretamente. Mas esses saberes em nada explicavam a História, constituindo-se um saber marginal.

Para sair definitivamente do nível do anedótico, o estudo do cotidiano contou com a contribuição decisiva dos historiadores pertencentes ao grupo da Escola dos Annales, (sobretudo dos historiadores pertencentes à segunda e terceira gerações) que associariam a análise do cotidiano a uma história antropológica, facilitada pelo estudo da cultura material através da arqueologia, pela qual os historiadores se viram impelidos a estudar a cultura material das populações investigadas, instrumentos de trabalho, restos alimentares, utensílios e móveis presentes na vida diária. (DEL PRIORE, 1997, p. 261) Deste modo, aos poucos se foi desfazendo a noção de história da vida cotidiana como “enfeite” da “grande história”.

Entre os historiadores dos Annales que contribuíram decisivamente para o avanço da discussão a respeito do cotidiano, podemos destacar, a partir da segunda metade da década de 1950, Fernand Braudel, que insistia na importância de códigos alimentares e de vestuário como mais determinantes na vida dos grupos sociais do que as instituições políticas e regras jurídicas. (DEL PRIORE, 1997, pg. 262) Em sua obra publicada em 1967, “Civilização material, economia e capitalismo”, Braudel dedicou um primeiro volume inteiro às

“Estruturas do Cotidiano”. Este cotidiano deveria ser tratado dentro da perspectiva da História-problema, não devendo ser meramente descritivo.

O autor admite em seu prefácio que trabalha com aspectos que costumam ficar à margem dos relatos históricos tradicionais: demografia, vestuário, alimentação, habitação, técnicas. Sente-se na obrigação de justificar a utilidade da introdução desses elementos para alcançar seu foco, a vida material daquele tempo e espaço em questão. Para Braudel a abordagem do cotidiano seria útil para apreender o funcionamento do que ele chama de “vida material”, uma espécie de “infra-economia”, trocas e serviços num raio de ação mais curto. (BRAUDEL, 1992, pg. 13)

Contudo, embora tenha sido considerado inovador, Braudel recebeu críticas, acusado de não explicitar de forma clara o que compreendia por “civilização material” e por condicionar o estudo desta ao estudo sobre o capitalismo. (DEL PRIORE, 1997, pg. 263) A definição de Braudel, segundo Guarinello, mantém a separação clássica entre o tempo do cotidiano (e da vida) e o tempo do acontecimento (e da História), reproduzindo a distinção entre o acontecimento histórico, cheio de significados e a vida comum, repetitiva, estéril.

Já Lucien Febvre, de acordo com Del Priore, via na História do Cotidiano uma aplicação prática: democratizar a História, dando “voz aos humildes”. De qualquer forma, para os historiadores dos Annales a História do Cotidiano deveria ser feita por meio do estudo da cultura material das majorias, para que se pudesse empreender um estudo do habitual “imbricado na análise dos equilíbrios econômicos e sociais que subjazem às decisões e aos conflitos políticos” (DEL PRIORE, 1997, p. 266).

Já entre as décadas de 1970 e 1980, a filósofa húngara Agnes Heller, dentro de sua matriz teórica marxista, defendia que seria pouco proveitoso ao historiador perceber a história senão permeada pelos acontecimentos do cotidiano, pois a vida cotidiana seria a verdadeira essência da substância social. (JUNIOR, 2003).

Nos anos de 1980, mais uma vez os franceses conquistaram destaque no debate através da obra de Michel de Certeau que, segundo Souza Filho (s/d p. 130-134), constituiu boa parte de sua obra analisando as “maneiras de fazer das massas anônimas”, contribuindo para que a vida cotidiana deixasse de ser pensada como esfera onde não ocorrem transformações e onde, portanto, não haveria História, passando a ser compreendida como território de atuação no qual essa massa anônima age a partir de resistências microscópicas em relação à ordem estabelecida.

Um pouco mais tarde se comparado à França, a História do Cotidiano ganhou adeptos também na Alemanha Ocidental, principalmente durante a década de 1980, sendo reconhecida pelo termo *Alltagsgeschichte* (correspondente ao termo em inglês, “the History of the everyday life”). Contudo, devido à forte influência que as universidades brasileiras recebem da historiografia francesa, a citação de historiadores alemães não é muito comum nos trabalhos acadêmicos da área em questão. Sobre Agnes Heller, Michel de Certeau e Alf Lüdtke, trataremos abaixo de forma mais específica.

Embora haja tantas referências a citar quando se trata de pensar a História do Cotidiano, de acordo com a professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Silvia Regina Ferraz Petersen, (1996, pg. 95) o problema que ocorre com a História do Cotidiano é a falta de discussão teórica e o desconhecimento, por parte dos historiadores, de contribuições teóricas de autores de outras áreas do conhecimento. Neste sentido, as discussões produzidas por historiadores na esfera da História do Cotidiano acabam se aproximando demais do senso comum.

De acordo com Petersen, a partir dos anos de 1980, a adoção de novas abordagens, novos objetos e novos problemas, não foram acompanhadas de uma construção teórica mais elaborada a respeito dessas questões, mantendo as investigações no âmbito da apropriação empírica, já que, segundo a autora, o grupo responsável pelas pesquisas vinculadas a esses

novos problemas e objetos, a chamada “Nova História”, não fez da reflexão teórica o seu ponto forte. (PETERSEN in BRANDÃO; MESQUITA, 1995, pp. 49-50)

Não é do nosso interesse imediato adentrar nessa discussão neste momento, apenas a citamos porque a autora vincula essa discussão a uma questão maior que é a do próprio *status* do conhecimento histórico. Para a autora, o objeto imediato do conhecimento histórico tem existência real, é cognoscível através de respostas a perguntas, adquire sentido, atribuído pela intervenção do historiador. Assim, para que o significado não dissolva o real inteiramente na consciência subjetiva, opinativa, tem extrema importância a pergunta que se formule. Não seria a questão de eliminar a subjetividade do conhecimento, o que a autora concorda, é impossível. Mas sim de utilizar a mediação de instrumentos analíticos (conceitos, categorias, hipóteses) para conduzir a investigação. Caso não se construa teoricamente o objeto, afirma a autora, o resultado da pesquisa não ultrapassará o nível do senso comum, que é insuficiente para compreender os complexos processos sociais. (PETERSEN in BRANDÃO; MESQUITA, 1995, pp. 30-35)

Ao analisar alguns trabalhos que diziam tratar do cotidiano, a autora detectou alguns problemas. Entre eles, trabalhos que traziam no título e mesmo no texto o termo “cotidiano”, mas que desaparecia no interior da análise que possuía, na realidade, outro eixo norteador. Também havia aqueles que traziam referências a respeito do cotidiano e que supostamente norteariam a análise, mas na qual não se via esforço de abstração destinado a ultrapassar o que a autora chama de “visão fenomênica da cotidianidade”. Em outros ainda, a questão do cotidiano não era discutida, aparecendo apenas como palco onde ocorriam as ações.

E não apenas no Brasil encontramos essa crítica de indefinição teórica. Na Espanha, Luis Castells (1995), citando Peter Burke, admite que a História do Cotidiano é um dos campos de crescente importância dentro da História Social. Contudo, haveria um problema de definição e delimitação dos contornos de tal abordagem. De acordo com Castells

Buena parte de sus problemas a la hora de precisar lo que se entiende por historia de La vida cotidiana deriva de su imprecisión, de sus vagos contornos, así como de su escasa teorización. [...] Muchos de sus problemas están vinculados, sin embargo, con la propia situación de la historia social [...] (CASTELLS, 1995, p. 11)

O autor compreende essa imprecisão e os “vagos contornos” como uma continuação da imprecisão que gira em torno do termo “História Social”, domínio ao qual o autor vincula a abordagem da História do Cotidiano. Para o autor, é necessário delimitar as fronteiras a respeito do que campo que ela abarca, vincular-se a um centro intelectual consistente ou adotar um marco estabelecido que lhe confira maior homogeneidade, impedindo a fragmentação crescente. (CASTELLS, 1995, p. 11)

### **Agnes Heller: o cotidiano no centro da História**

Considerando a afirmação de Castells e Petersen, buscamos a partir de agora, apresentar aqueles que consideramos os principais referenciais teóricos a respeito do Cotidiano, que podem abrir caminho a historiadores interessados em discuti-lo de forma consistente. A primeira referência importante é a filósofa Agnes Heller, a qual ao debruçar-se sobre o tema do cotidiano buscou compreender sua estrutura, e vinculando-o ao debate de questões diversas, como a constituição social dos preconceitos, da importância da vivência em comunidade, da construção histórica dos valores de uma sociedade e a representação dos papéis sociais.

Devemos inserir o debate proposto pela filósofa em seu próprio contexto social e político, a Hungria da década de 1970, sob influência do projeto socialista e da URSS. A filósofa integra a “Escola de Budapeste”, formada em torno de G. Lukács. É uma das poucas referências preocupadas em conceituar o que seria e o que não seria o cotidiano.

No capítulo “A estrutura da vida cotidiana”, da obra “O Cotidiano e a História” (1972), Heller afirma que o cotidiano não está fora da História, mas no centro do acontecer histórico, sendo “a verdadeira essência da substância social”. As ações não cotidianas que são objeto de estudo da História partem e retornam para a vida cotidiana. É o efeito na vida cotidiana que dá importância a um fato histórico. (HELLER, 1972, p. 20).

De acordo com Duarte (2007), Agnes Heller compreende como “cotidiana”, toda atividade feita com o propósito de garantir a reprodução do indivíduo (o homem singular, em sua particularidade, lutando por seus interesses e sua sobrevivência), enquanto atividades “não cotidianas” são aquelas ligadas à reprodução da sociedade (progresso ontológico-social, desenvolvimento do humano-genérico). Embora haja essa diferenciação, é preciso compreender que não há uma divisão estanque entre essas duas esferas da vida. (DUARTE, 2007, pp. 31-32)

Salientamos que, segundo Duarte, Heller não compreende o cotidiano como sinônimo de dia-a-dia. Atividades feitas todos os dias não são necessariamente cotidianas. Também não é sinônimo de vida privada, já que, embora a maior parte das atividades que garantam a reprodução do indivíduo sejam feitas no âmbito privado, não se pode fazer essa generalização. O que define se uma ação é cotidiana ou não é se ela está no campo das objetivações genéricas em si ou para si. (DUARTE, 2007, p.33)

A autora caracteriza a estrutura da vida cotidiana, como dotada de algumas características, como a espontaneidade, pragmatismo, economicismo, pensamento orientado pela analogia, ultrageneralização. Mas as formas necessárias da estrutura e do pensamento da vida cotidiana não devem se cristalizar em absolutos. Se essas formas se absolutizam, encontramos-nos diante da alienação da vida cotidiana. Para a autora, seria a vida cotidiana, de todas as esferas de realidade, a que mais se presta à alienação. O homem devorado por e em seus “papéis” pode orientar-se na cotidianidade através do simples cumprimento adequado destes. A assimilação espontânea das normas consuetudinárias pode converter-se por si mesma em conformismo. (HELLER, 1972, pp. 37-38)

Embora a estrutura da vida cotidiana seja um terreno propício para a alienação, não é de nenhum modo, necessariamente alienada. As formas de pensamento e comportamento produzidas nessa estrutura podem deixar ao indivíduo margens de movimento, não havendo necessariamente uma alienação no cotidiano. Pois o ser humano pode, sem sair do seu cotidiano, distanciar-se deste para refletir sobre ele. De acordo com Lukács, influência teórica direta de Heller, as esferas privilegiadas pelas quais o homem pode empreender esse distanciamento do cotidiano e alcançar a esfera do que chama de “humano-genérico”, seriam a ciência e a arte. (HELLER, 1972, p. 26)

Ela procura mostrar como o desenvolvimento da humanidade se dá através da construção do que ela chama de “valores”, ou seja, aquilo que contribui para o desenvolvimento da essência da humanidade. Ela lembra que a essência da humanidade não é aquilo que sempre esteve presente no ser humano, mas as possibilidades imanentes ao gênero humano. Ou seja, uma tendência humana. Para Marx essa essência humana seria composta por: trabalho (objetivações), socialidade (tendência para a vida em sociedade), universalidade, consciência e liberdade. Esses valores construídos, jamais são perdidos, mesmo que durante um período de tempo sejam esquecidos ou tenham sua importância minimizada. Mas isso é uma herança humana, que não será perdida, serão em cima desses valores que serão construídos outros. E esses valores são gestados exatamente na vida cotidiana e na relação com os outros indivíduos que se dá nesta esfera da vida. (HELLER, 1972, pp. 1-15)

### **Michel de Certeau: a possibilidade de criação na esfera do cotidiano**

Segundo Souza Filho (s/d p. 130-134), Certeau constituiu boa parte de sua obra analisando as “maneiras de fazer das massas anônimas”, contribuindo para que a vida cotidiana deixasse de ser pensada como esfera onde não ocorrem transformações e onde, portanto, não haveria História. Na introdução geral de “A invenção do cotidiano” (1994), Certeau questiona a idéia de que as “operações dos usuários”, ou seja, a experiência do consumo por parte da maioria silenciosa da população em seu cotidiano seja marcada realmente pela passividade e disciplina. Sua proposta é tornar essas operações, esses “modos de fazer” cotidianos passíveis de serem tratados e analisados, para que deixem de ser vistos como o lado obscuro da vida social.

A hipótese de Certeau é que se constitui um grande erro pensar que o consumo de idéias, valores e produtos da chamada “cultura de massa” pelos sujeitos anônimos da sociedade, seja uma prática passiva, marcada pelo conformismo em relação às imposições do mercado e dos “poderes sociais”. Isto porque, quando os sujeitos consomem determinado bem cultural, este sempre sofre um processo de ressignificação imprevisível, diverso das pretensões previstas de origem e que não são registradas em lugar nenhum.

Essas ressignificações, “criações anônimas” presentes no cotidiano dos “mais fracos”, podem revelar ao pesquisador as “microresistências”, espécie de subversão silenciosa das massas contra as imposições sociais e a ordem estabelecida. Essas táticas e astúcias empreendidas pelo homem comum estariam, de acordo com o autor, enraizadas no inconsciente coletivo dos homens, acompanhando-os através da História. Caberia ao pesquisador desvendar essas táticas, a criatividade dispersa da massa anônima que, não podendo travar um embate de frente com o sistema, joga com ele nas sombras, fugindo dele sem sair. (DE CERTEAU, 1994, p. 37-41)

Considerando que o homem comum não possui condições de lutar abertamente contra o sistema, ele jogaria por meio das táticas, “criatividades dispersas dos indivíduos presos a essa rede de vigilância”. Os praticantes dessas táticas seriam o que o autor denomina componentes de uma “marginalidade de massa”, todos aqueles que não são produtores de cultura, mas a consomem, uma maioria silenciosa, mas não homogênea. Essas táticas de consumo, “engenhosidade do fraco para tirar partido do forte”, dariam um caráter político às práticas cotidianas. (DE CERTEAU, 1994, p. 45-47)

O autor distingue duas categorias diversas de ação no cotidiano: as táticas e as estratégias. Enquanto a estratégia é um “cálculo das relações de força por um sujeito de querer e poder” que postula um lugar para si e deste lugar, gerencia sua relação com algo exterior, aquele que depende da tática não tem um lugar para servir de base e preparar suas ações. O tático vigia para aproveitar as ocasiões, não pode dominar o tempo, tira partido de algo que lhe é estranho, até “usa” o “lugar” alheio. Entre as práticas cotidianas de tipo tático, o autor analisa o falar, ler, cozinhar, circular pela cidade, comprar. (DE CERTEAU, 1994, p. 48)

Em um exemplo do próprio autor de uma prática cotidiana seria a leitura (de livros, imagens, situações), não se tratando de uma atividade de recebimento passivo. O capital cultural do leitor interfere na sua interpretação, assim como sua personalidade, experiências, memórias, vocabulário, produzindo-se uma ressignificação. Assim como na leitura, outras atividades cotidianas também produziram essa ressignificação, que, por não ser registrada, acaba muitas vezes não sendo reconhecida. (DE CERTEAU, 1994, p. 48-50)

### **Alf Lüdtke: os anônimos como atores sociais**

Em sua introdução para a obra “History of Everyday Life”<sup>2</sup> (1995), o historiador Alf Lüdtke afirma que a História do Cotidiano continua sendo alvo de intensos debates, mesmo depois de se ter assistido a uma explosão de publicações a respeito do tema, geralmente bastante bem recebidas pelo público em geral. O próprio termo “História do Cotidiano” é alvo de muitas controvérsias, empregado por falta de um nome mais explicativo, mas “que mantém sua utilidade como uma fórmula breve e sucinta”, embora muito criticada por uma tradição historiográfica que, de acordo com o autor, tem excluído a cotidianidade de sua alçada. (LÜDTKE, 1995, p. 1)

Em seu artigo “De los heroes de la resistencia a los coautores: *Alltagsgeschichte* em Alemanha” (1995) o autor afirma que História do Cotidiano foi se inserindo na disciplina histórica na Alemanha Ocidental, a partir de meados dos anos 70 e início dos anos 80. Fortalecia-se a “História vista de baixo”, com enfoque na história das insurreições populares, movimentos de trabalhadores, sobretudo estudos relacionados ao cotidiano dos trabalhadores nos anos referentes ao domínio do partido nazista. (LÜDTKE, 1995, pp. 57-58)

Para Lüdtke, o enfoque dessa abordagem é exatamente a prática da multidão ou do povo (a versão do texto em espanhol usa o termo *multitud*). Essa prática seria as “formas que os homens se apropriam das condições em que vivem, produzem experiência, utilizam modos de expressão e interpretação”. (LÜDTKE, 1995, p. 49) Nesse processo de apropriação, essas pessoas se converteriam em atores. Lembrando a máxima “os homens fazem sua história em condições dadas”, acrescenta, que o foco da História do Cotidiano é: fazem em condições dadas, mas eles mesmos o fazem. (LÜDTKE, 1995, p. 50)

De acordo com Lüdtke, a História do Cotidiano não é uma disciplina, mas um enfoque específico do passado. Um ponto de vista que não se limitaria às ações dos dirigentes, homens de Estado, os chamados “grandes homens” da antiga História Política e Militar. Mas sim se centra na “conduta diária dos homens” (mundo do trabalho, hábitos alimentares, habitação, lutas, associações de ajuda mútua, sentimentos humanos), tanto os proeminentes quanto os supostamente anônimos, considerando-os igualmente enquanto atores sociais, pois “cada homem e cada mulher faz história diariamente”. (LÜDTKE, 1995, p. 50)

O autor afirma estar inserido em um grupo de teóricos para os quais o cotidiano é uma esfera dinâmica e que vinculam a transformação histórica à produção e reprodução da vida. Fazer história do cotidiano, para Lüdtke, é parte de um esforço abrangente de fundar uma nova perspectiva sobre a forma como os historiadores vêem os feitos da Era Moderna.

O que está em questão é a “outra metade” de um processo que abrange toda a sociedade. O autor cita alguns desses processos: desenvolvimento desigual das forças de produção, expansão de produção de mercadorias, expansão do Estado e da burocracia. Afinal, como isso foi vivido pelas pessoas. Não se trata de analisar os processos sociais dos últimos séculos (relações de mercado, divisão do trabalho) a partir do individual, mas entender as mudanças a partir da ação concreta dos grupos e indivíduos. – O ser humano enquanto prática social é colocado à frente (é o foco) da pesquisa histórica. (LÜDTKE, 1995, p. 5)

#### **4. Por que a História do Cotidiano em sala de aula?**

Acreditamos que alguns aspectos das discussões acima apresentadas podem ser abordados pelo professor nas salas de aula do Ensino Fundamental II, ainda que de modo subjacente aos conteúdos. Estamos considerando que a abordagem pelo viés da História do Cotidiano possa auxiliar o professor, juntamente com o aluno, na construção de um tipo específico de conhecimento histórico.

Bittencourt (apud SILVA, s/d) afirma que a História do Cotidiano pode ser bastante útil em sala de aula, servindo como suporte fundamental para se reconsiderar o papel dos agentes sociais nas transformações históricas, levar à reflexão sobre a atuação dos sujeitos neste processo e rever concepções de tempo histórico. Para a autora, a História do Cotidiano pode ser utilizada como ferramenta no ensino de História para romper com a periodização clássica que consagra a idéia de evolução e de progresso, seqüência de eventos vitoriosos de determinados sujeitos, o que acaba por fomentar a existência de hierarquias de valor entre as sociedades humanas.

Acreditamos que a análise proposta por Heller empresta uma dignidade à esfera do cotidiano e aos seus atores, por considerá-lo enquanto local onde a História acontece por meio do trabalho humano e no qual se gestam os valores sociais, permitindo que o aluno compreenda a historicidade dos mesmos. E não só como lugar onde se gestam os valores, mas os próprios preconceitos, considerados por Heller uma característica do pensamento cotidiano, dado ao seu caráter ultrageneralizador. Lembrando que a reflexão de Heller a respeito dos preconceitos coloca que, embora este seja uma característica própria do pensamento cotidiano, há sempre uma escolha que todo ser humano pode fazer, por mais difundido e universal que seja um preconceito, depende de uma escolha relativamente livre, se apropriar dele ou não. (HELLER, 1972, pp. 43-63)

Com relação à abordagem da História do Cotidiano alemã, é possível considerá-la como embasamento para focar a prática social das pessoas comuns. Essas práticas seriam as “formas que os homens se apropriam das condições em que vivem, produzem experiência, utilizam modos de expressão e interpretação”, como afirma o próprio Lüdtke. Nesse processo de apropriação, essas pessoas se converteriam em atores. Neste ponto, a ponte com o pensamento de Certeau é clara. Pessoas comuns não são meros fantoches ou vítimas indefesas, mas através das táticas produzem ressignificações da realidade em que vivem e daquilo que recebem. Neste sentido, o cotidiano não seria um espaço privilegiado de alienação, mas as ações daqueles que se movimentam sobretudo nesta esfera, possuiriam conteúdo político.

Trabalhando com a perspectiva da História do Cotidiano, acreditamos que a História se torna mais acessível às crianças e adolescentes do Ensino Fundamental. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 29-43) propõem que o aluno possa aprender a distinguir suas vivências pessoais dos hábitos de outras épocas e relativizar, em parte, os padrões de comportamento de sua própria época. Deste modo, pode-se desenvolver o respeito pelo diferente, pelo outro, mostrando a diversidade de formas de vida possíveis e os padrões que ainda permanecem, de modo que o aluno perceba a historicidade de seus próprios comportamentos. Lidar com conhecimentos históricos pelo viés do cotidiano poderá deixar mais evidente para o aluno a importância das ações das pessoas comuns (como ele) no desenrolar do processo histórico.

Como já dito anteriormente, em nossa pesquisa, buscamos apreender como o livro didático utilizado em sala de aula por professores brasileiros tem tratado os conteúdos referentes à História do Cotidiano e a quais matrizes teóricas esses conteúdos estão vinculados. Em geral, os manuais didáticos configuram-se ao que Chartier denomina “objeto em circulação”, portanto, veículos de circulação de idéias que traduzem valores e comportamentos que se deseja ensinar aos jovens nas escolas (CHARTIER apud CORRÊA, 2000, p. 13). No caso específico da disciplina histórica, acreditamos que se trata também de uma fonte fecunda para buscarmos descobrir quais as concepções de História que estão sendo trabalhadas com as crianças em sala de aula e de que maneira essas concepções interferem no desenvolvimento de uma aprendizagem realmente significativa por parte dos alunos.

Para atingir o objetivo dessa pesquisa, as análises dos livros, estão sendo empreendidas de acordo com a metodologia da Análise de Conteúdo proposta por Bardin

(1977). A análise de conteúdo é um conjunto de procedimentos que possibilitam análises quantitativas e/ou qualitativas de determinada mensagem (textos propagandísticos e jornalísticos, cartas, livros, discursos) com o objetivo de desvelar sua significação profunda por trás de um discurso aparente, simbólico e polissêmico.

A coleção analisada para esta comunicação foi avaliada pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) do Ministério da Educação e foi escolhida por dois critérios: por ter sido uma das obras mais utilizadas pelos professores da Rede Pública de ensino do Estado do Paraná (SILVA, 2010, p. 2) sendo a segunda obra mais bem avaliada pelo Ministério da Educação em 2008<sup>3</sup> (último resultado disponível quando elaboramos o projeto agora em andamento) O livro escolhido seria utilizado nas escolas até o ano de 2010. De acordo com Miranda e Luca, a partir do PNLD

“é possível depreender tendências globais quanto à História ensinada e os resultados globais da avaliação constituem-se em fonte privilegiada para compor um quadro compreensivo a respeito de tendências contemporâneas da História que se quer ver ensinada.” (MIRANDA; LUCA, 2004, p. 134).

## 5. Exemplo de usos da História do Cotidiano no material didático

Para fins de exemplificação, escolhemos um volume da obra organizada pela Editora Moderna, Projeto Araribá - Componente Curricular: História, destinada aos alunos de 5ª série do Ensino Fundamental II (atual 6º ano)<sup>4</sup>. Lembrando que se trata de uma pré-análise, que será retomada em um segundo momento de produção da pesquisa. Já no sumário da obra acima citada, é possível identificar uma tendência. O termo “vida cotidiana” aparece duas vezes, enquanto o termo “cotidiano” aparece apenas uma vez nos subtítulos dos capítulos, considerando-se tratar de quarenta e dois subtítulos.

Trata-se respectivamente da “Vida cotidiana dos poderosos (do Egito)” (pg. 87), do “Cotidiano da China no Período Chou” (pg. 104-105) e da “Vida Cotidiana na Grécia Antiga” (pg. 158-159). Isso não significa que aspectos referentes ao cotidiano não estejam embutidos em outros tópicos da obra. Contudo, pode-se perceber que não é um destaque para a abordagem. Neste exemplo, nos limitamos a observar como a obra em questão trabalhou aspectos do cotidiano nos locais onde se destacou essa intenção.

Com relação à vida cotidiana dos poderosos no Egito, o texto aborda as classes dominantes do império, utilizando como fonte aspectos da cultura material (ruínas), descrevendo características de moradias (divisão interna, função dos cômodos) e materiais de construção. Aborda também vestimentas, destacando o uso de roupas leves vinculando ao clima egípcio, a diferenciação de roupas de ricos e pobres, homens e mulheres. Há duas imagens, o busto de uma princesa egípcia (na qual não se especifica a relação com as informações do texto) e uma pintura retratando uma família em momento de lazer. A abordagem é meramente descritiva de aspectos do dia a dia.

O texto a respeito do cotidiano na China no Período Chou, inicia-se com a descrição de atividades econômicas, como agricultura (produtos, técnicas), criação de gado e artesanato, tecelagem, metalurgia do bronze, comércio, entre outras. Trata-se também de um texto meramente descritivo. Ao abordar a vida dos nobres, comenta a respeito da organização em clãs, aspectos de configuração familiar como o patriarcalismo, a poligamia masculina, sem a preocupação de problematizar ou historicizar os valores sociais citados.

Há imagens da pirâmide social chinesa do período, produtos agrícolas e um exemplo de artesanato, um sino de bronze utilizado em cerimônias (cultura material).

Com relação aos camponeses há uma descrição de habitações, atividades socioeconômicas (agricultura, festas coletivas, artesanato), sistema de uso das terras dos senhores e o surgimento de “setores intermediários” como comerciantes, escribas e escravos capturados em aldeias inimigas. Há também um *box* do lado esquerdo da página, destacado

em cor azul, tratando do costume de se isolar por três dias as crianças após o nascimento, sem alimentação, até que o pai decidisse por sua vida ou morte. A informação é, sem dúvida, chocante para crianças da faixa etária para a qual o livro é destinado. E ela se coloca em destaque, um costume exótico, sem nenhum tipo de problematização.

O texto a respeito da vida cotidiana na Grécia antiga aborda questões como a descrição do espaço urbano (função da ágora para a vida pública e da acrópole como proteção militar e aspectos religiosos), descrição de atividades como artesanato, comércio e agricultura.

Há também um espaço para a descrição da educação masculina ateniense e a educação espartana para a guerra. Por fim descrevem-se as habitações, com destaque para a divisão dos interiores conforme o sexo (gineceu e ándron) e a existência de um altar doméstico. Por último, há no fim do capítulo um *box* nos mesmos moldes do anteriormente descrito, com alguns alimentos consumidos pelos gregos na antiguidade.

Os exemplos acima são uma pequena amostra de como o cotidiano pode estar sendo abordado nos materiais didáticos para o Ensino Básico no Brasil. O que observamos vai diretamente ao encontro da crítica de Petersen, que nos chama a atenção para o fato de que o historiador muitas vezes se utiliza do termo “Cotidiano” sem problematizá-lo, sem concebê-lo teoricamente, aproximando-se das definições do senso comum. Isso se reflete diretamente na produção dos materiais didáticos, que acompanham, ainda que de forma mais lenta, as discussões historiográficas em curso.

Também nos recorda as características das produções historiográficas anteriormente citadas, as quais até os anos de 1950 inseriam o aspectos do cotidiano (visto neste sentido como sinônimo de dia a dia) na História por meio de informações pitorescas, descritivas, a respeito de habitação, vestuário, alimentação dos povos considerados “exóticos”. Em nenhum momento verificamos a problematização de costumes, a ênfase na historicidade dos mesmos, tampouco o tratamento dos “atores do cotidiano” como seres produtores de sua própria história.

Ainda que se optasse por não se inserir a discussão a respeito do cotidiano de forma tão complexa quanto à abordagem filosófica de Heller, ainda que talvez fosse realmente necessário limitar o cotidiano nos livros didáticos a aspectos como a alimentação, o vestuário, recordemos a constatação de Braudel na anteriormente citada obra “Civilização Material, Economia e Capitalismo”:

“A maneira de comer, de vestir, de habitar [...] nunca é indiferente. E estes instantâneos afirmam também, de uma sociedade para outra, contrastes e disparidades nem todos superficiais. [...] é ao longo de pequenos incidentes que uma sociedade se revela.” (BRAUDEL, 1972, pg. 13)

Mesmo essas questões devem ser problematizadas na análise histórica, rompendo com o caráter meramente descritivo das mesmas. Por meio de informações aparentemente banais, podem ser trabalhadas e discutidas questões importantes. Afinal, a organização de uma sociedade, suas características e seus valores não podem ser tratados como naturais, mas devem ser sempre historicizadas dentro de sala de aula.

### **Considerações Finais**

Procuramos apresentar, ainda que de forma concisa e parcial, como tem se apresentado o debate historiográfico com relação à abordagem da “História do Cotidiano”. Destacamos como o cotidiano era tratado dentro da pesquisa histórica antes da aproximação com a antropologia, bem como as mudanças que se seguiram a essa aproximação, por meio da chamada “Escola dos Annales”. Queremos salientar que o debate é extenso e complexo, envolvendo questões as quais não foram possíveis de abordar no espaço deste texto, como por exemplo, a constante vinculação da História do Cotidiano com a História da Vida Privada.<sup>5</sup>

Buscamos destacar também os três autores os quais consideramos importantes para a discussão e problematização dessa temática na História, sendo estes Agnes Heller, Michel de Certeau e Alf Lüdtke. Este último, pelos levantamentos bibliográficos feitos até o momento, não parece ser uma referência muito considerada por historiadores brasileiros, sendo um pouco mais referenciado em revistas científicas de língua espanhola. Julgamos que estes autores abordam questões importantes no momento de se pensar o cotidiano na história, que suas reflexões a respeito do tema podem auxiliar o historiador ou o professor do Ensino Básico a trabalhar com o cotidiano de forma produtiva e problematizadora. Embora tenha sido necessário um recorte teórico, lembramos que há outros teóricos que podem ser também úteis na análise do cotidiano, dos quais não podemos nos esquecer, como Henri Lefebvre, cuja obra “A vida cotidiana no mundo moderno” (1968) é uma importante referência.

De posse deste pequeno mapeamento do debate historiográfico em questão, procuramos observar como a “História do Cotidiano” tem sido apresentada em materiais didáticos utilizados no Ensino Básico, por meio da análise de um pequeno fragmento da obra Projeto Araribá: História. Reiteramos que não podemos ser categóricos nas afirmações a esse respeito, já que nossa análise ainda se encontra em andamento, estando ainda no início de sua construção.

Contudo, neste primeiro exercício analítico pudemos constatar algumas características da abordagem da “História do Cotidiano” no livro didático, como o caráter descritivo das informações e a carência de problematização, mostrando-nos que o debate historiográfico necessita de maior amadurecimento para que possa ser incorporado também aos materiais utilizados por professores e alunos no processo de ensino e aprendizagem em sala de aula.

### Referências Bibliográficas

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições Setenta, 1977.

BRASIL. Ministério da Educação. *Guia de livros didáticos PNLD 2008: História*. Ministério da Educação. — Brasília: MEC, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental; História*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRAUDEL, Fernand. *Civilização Material, Economia e Capitalismo: séculos XV a XVIII*. Lisboa: Teorema, 1992.

CORRÊA, Rosa Lydia Teixeira. O livro escolar como fonte de pesquisa em História da Educação. *Cadernos Cedes*. Campinas, nº. 52, pp. 11-24, 2000.

DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Artes de Fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

DA COSTA, Lucia Cortes. A estrutura da vida cotidiana: uma abordagem através do pensamento Lukacsiano. *Emancipação, Ponta Grossa*: Ed. UEPG 2001, pp. 33-57.

DEL PRIORE, Mary. História do Cotidiano e da Vida Privada. CARDOSO, Ciro Flamarion S. [et al]. *Domínios da História*. Ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 259-274.

DUARTE, Newton. Educação escolar e o conceito de vida cotidiana. *Educação escolar, teoria do cotidiano e a Escola de Vigotski*. Campinas: Autores Associados, 2007.

FILHO, Alípio de Souza. *Michel de Certeau: fundamentos de uma sociologia do cotidiano*. Disponível em:

[http://www.cchla.ufrn.br/alipiosousa/index\\_arquivos/ARTIGOS%20ACADEMICOS/ARTIGOS\\_PDF/Michel%20de%20Certeau%20%20fundamentos%20de%20uma%20sociologia%20do%20cotidiano.pdf](http://www.cchla.ufrn.br/alipiosousa/index_arquivos/ARTIGOS%20ACADEMICOS/ARTIGOS_PDF/Michel%20de%20Certeau%20%20fundamentos%20de%20uma%20sociologia%20do%20cotidiano.pdf) s/d. Acesso: 25/05/2009.

GUARINELLO, Luiz Norberto. História científica, história contemporânea e história cotidiana. *Revista Brasileira de História*. Vol.24 no. 48. São Paulo, 2004. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882004000200002&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882004000200002&script=sci_arttext) Acesso em 25/05/2009.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a História*. São Paulo; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

LUCA; MIRANDA. O livro didático de história hoje: um panorama a partir do PNLD. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 24, nº 48, p.123-144 - 2004

LÜDTKE, Alf. *O que é a história do cotidiano e quem são os seus praticantes?* The History of everyday life: reconstructing historical experiences and ways of life. New Jersey: Princeton University Press. 1995. (tradução livre de Wilian Bonete)

LÜDTKE, Alf. De los heroes de La resistência a los coautores: *Alltagsgeschichte* em Alemanha. *AYER*. Publicação da Asociación de Historia Contemporánea. Espanha: nº 19 1995. Pp. 49-69. Disponível em: [http://www.ahistcon.org/docs/ayer/ayer19\\_03.pdf](http://www.ahistcon.org/docs/ayer/ayer19_03.pdf). Acesso em 11/03/11

PETERSEN, Silvia. Dilemas e desafios da historiografia brasileira: a temática da vida cotidiana. In. BRANDÃO; MESQUITA. *Territórios do cotidiano: uma introdução a novos olhares e experiências*. Porto Alegre/Santa Cruz do Sul: Editora da UFRGS e Editora da UNISC. 1995.

PETERSEN, Silvia. O cotidiano como objeto teórico ou o impasse entre a ciência e o senso comum no conhecimento da vida cotidiana. In. BRANDÃO; MESQUITA. *Territórios do cotidiano: uma introdução a novos olhares e experiências*. Porto Alegre/Santa Cruz do Sul: Editora da UFRGS e Editora da UNISC. 1995.

PETERSEN, Silvia. Comentário X. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo: v. 4. P. 95-104. Jan./Dez. 1996.

ROCHA JUNIOR, Deusdedith Alves. *O território do cotidiano*. Universidade de Brasília, 2003.

SILVA, Jeferson Rodrigo. Livro didático de história como documento histórico: uma análise do Projeto Araribá. *Revista Percursos*. Florianópolis, v. 11, n. 01, jan. / jul. 2010.

SILVA, Marcos. *O Ensino de História no Curso Fundamental*. Disponível em: <http://silva.marcos.sites.uol.com.br/artigos/hist/ensino.pdf> s/d. Acesso: 15/05/2009.

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Mestrado em História Social da Universidade Estadual de Londrina na Linha de Pesquisa “História e Ensino”. [elisamorales08@yahoo.com.br](mailto:elisamorales08@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> As referências deste texto utilizadas no presente trabalho tratam se uma tradução livre de Wilian Bonete.

---

<sup>3</sup> Informação retirada do Quadro Síntese do Guia de Livros Didáticos do Plano Nacional do Livro Didático de 2008. Pg. 17. Disponível em:

[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=12389&Itemid=1129](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12389&Itemid=1129) Acesso em 30/06/10.

<sup>4</sup> A obra possui 232 páginas, mais 126 de Guia e Recursos Didáticos. É composta por oito unidades, subdivididas em 42 tópicos, abrangendo um conteúdo que vai da Introdução aos Estudos Históricos à Crise do Império Romano do Ocidente. Utiliza-se da organização cronológica tradicional da divisão quadripartite, mas inserindo capítulos referentes às Civilizações Chinesa e Indiana, não apenas os conteúdos tradicionalmente encontrados (Pré-história geral e do Brasil, Egito, Mesopotâmia, Grécia e Roma).

<sup>5</sup> Sobre esta questão específica ver VAINFAS, Ronaldo. História da Vida Privada: dilemas, paradigmas, escalas. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo, vol. 4, jan./dez. 1996, p.9-27.